



ARTE URBANA COM OS ESTUDANTES DO 9ª ANO: UM BREVE RELATO NO CONTEXTO DO ENSINO HÍBRIDO

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se do relato de uma experiência pedagógica ocorrida de agosto a outubro de 2021 com a turma do 9º ano “C” do Colégio da Polícia Militar Alfredo Vianna, localizada em Juazeiro/BA como uma das atividades do Pibid-Arte. O tema escolhido se pautou na terceira unidade do Caderno de Apoio à Aprendizagem elaborado pela SEC/BA em que o tema era arte urbana. Diante dessa temática, juntamente com o professor-supervisor e coordenadora, elaboramos o plano de ensino para ser desenvolvido na modalidade híbrida uma vez que o Governo do Estado adotou esta modalidade a partir de agosto. A proposta de ensino teve como objetivo proporcionar o conhecimento sobre Arte Urbana a partir da explanação dos princípios conceituais, temáticas, repertórios imagéticos e processos de criação em Artes Visuais. Sendo assim, organizamos o plano a partir da seguinte sequência: a. história e conceito de arte urbana; b. arte urbana e suas vertentes; c. estudo sobre o grafite e lambe-lambe; d. experimentação e criação artística. Apesar das dificuldades estruturais e técnicas, conseguimos obter dos estudantes o interesse no conteúdo e o desenvolvimento do processo criativo.

METODOLOGIA

Em meados de julho o Governador do Estado da Bahia, Rui Costa, anunciou o retorno às atividades presenciais do Ensino Fundamental anos finais para o início de agosto, o que deixou muitos professores perplexos e revoltados. A decisão do governador não foi resultado de uma discussão coletiva, nem considerou a opinião da comunidade escolar, estudantes e seus familiares. Apesar de boa parte dos profissionais da educação terem iniciado a vacinação, nem todos haviam completado a imunização.

O que se percebe é uma tremenda confusão conceitual e práticas equivocadas sobre o ensino híbrido, o qual diferente do remoto emergencial, trata-se de uma metodologia que integra as Metodologias Ativas defendidas no século XXI.

Horn e Staker (2015, p.54) definem ensino híbrido como “[...] um programa de educação formal no qual um estudante aprende, pelo menos em parte, por meio da aprendizagem on-line, sobre o qual tem algum tipo de controle em relação ao tempo, ao lugar, ao caminho e/ou ao ritmo e, pelo menos em parte, em um local físico, supervisionado, longe de casa.



Percebemos infelizmente, que o entendimento e a orientação da SEC-BA para o “Ensino Híbrido” foi simplesmente dividir cada turma ao meio, e alternar a ida a escola para as atividades presenciais, assim, metade da turma deveria frequentar as aulas na segunda, quarta e sexta-feira, e a segunda metade da turma: terça, quinta e sábado, na semana subsequente os dias frequentados seriam revertidos. Enquanto o/a professor(a) ministrava sua aula presencialmente para metade da turma a outra metade deveria estar em casa acompanhando o mesmo conteúdo por meio de algum recurso enviado pelo professor: leituras/atividades em livro didático, vídeos, pesquisas, materiais impressos com textos, atividades e orientações.

Diante dessa situação, visando auxiliar o trabalho pedagógico do professor-supervisor e experimentar à docência em escala pontual e controlada, os/as pibidianos/as planejaram pautados na Pedagogia Histórico-Crítica (SAVIANI, 2011) e da Psicologia Histórico Cultural (VIGOTSKI, 2009) como seria a Unidade letiva subsequente para realizarem as atividades remotas, enquanto os docentes conduziam as aulas presenciais em suas instituições de ensino.

Dessa forma, organizamos as aulas para o 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio da Polícia Militar Alfredo Vianna tendo como temática a arte urbana e as indicações propostas pelo Caderno de Apoio à Aprendizagem.

Com o objetivo de proporcionar o conhecimento sobre Arte Urbana a partir da explanação dos princípios conceituais, temáticas, repertórios imagéticos e processos de criação em Artes Visuais que mobilize diálogos entre o passado e o presente, entre diferentes culturas e entre diferentes linguagens da arte urbana.

A partir desse objetivo, dedicamos 2 encontros via *Google Meet* a apresentar por meio de *slides* o contexto histórico de surgimento da arte urbana, sua importância social e os motivos que ocasionam sua marginalização. Procuramos enaltecer as obras e intervenções artísticas de artistas urbanos e ações culturais que permitem construir uma relação com a cidade de modo poético e estético, conseqüentemente, a importância da carreira destes trabalhadores culturais para a sociedade.

Notamos que se fazia necessário explorar o conceito de Arte Contemporânea, deixando mais elucidativo aos estudantes o contexto histórico de seu surgimento, seus principais movimentos e suas características para que fosse compreensível como isso desencadeou a arte urbana. Nessa explanação, priorizamos apresentar artistas brasileiros e suas respectivas obras, analisando os elementos estéticos presentes nas imagens e a poética construída pelo respectivo artista.

Depois dos encontros de contextualização histórica e análise de imagens de artistas urbanos, exploramos algumas vertentes de arte urbana como o *estêncil*, o *hip hop*, artistas de



rua, poema de rua, instalações artísticas, vídeo *mapping* e *stickers* para que os alunos tivessem conhecimento da dimensão do repertório da arte urbana.

Em seguida, no terceiro encontro procuramos aprofundar os elementos compositivos do grafite brasileiro, partimos das obras de Alex Vallauri e Huldinilson Junior que produziram no período da ditadura militar para que depois pudéssemos abordar os artistas Eduardo Kobra, Derlon Almeida, Os Gêmeos e Mag Magrela. Abrindo então espaço para a explanação sobre as linguagens utilizadas e o tipo de discurso apresentado em cada respectiva obra. Dado estas informações de que é uma arte marginalizada, seu histórico de expor a insatisfação da população, a forma como os artistas independentes e periféricos não tem acesso aos ditos tradicionais salões de arte é que abordamos a criminalização que ocorre em torno da arte urbana no Brasil, como o âmbito judicial lida com estas questões, o apagamento de obras e a truculência policial.

No quarto encontro apresentamos os eventos, festivais e circuitos que ocorrem no Brasil voltados para a arte urbana e suas produções, compreendendo sua relevância na atualidade. Assim exibimos projetos brasileiros que servem de vitrine para as produções de grafite, como: a Bienal Internacional do Grafite Fine Art (SP), que ocorre em parceria do Memorial da América Latina, o Museu de Arte Urbana no Porto (RJ), o Circuito Urbano de Arte (MG), o Beco do Batmam (SP) e o enfoque no NaLata International Art Festival (SP).

No quinto encontro foi pautado o contexto histórico do surgimento e as características dos cartazes *lambe-lambe* e os artistas trabalhados em sala de aula foram: Coletivo Transverso, Paulestinos, Bueno Caos, Laura Guimarães e coletivo Não temos que pegar.

Dedicamos o sexto momento para apreciação dos artistas do Vale do São Francisco e seus trabalhos em Juazeiro-BA e Petrolina-PE, tornando a experiência mais próxima da realidade dos alunos, a valorização das produções locais e sua representatividade. Os artistas trabalhados em sala de aula foram: Netão Ribeiro, Lys Valentim, Anamauê, Coletivo Ponto de faca, Ayo Heru, Projeto Malê e Aizamon.

Com o intuito de despertar a sensibilidade estética dos estudantes do 9^a ano e tecer um olhar crítico a partir da análise das imagens apresentadas, foram utilizados bastante recursos audiovisuais sobre o conteúdo, visitação de sites e exibição de imagens para uma integração maior do aluno com a experiência est tica.

No sétimo encontro os alunos executaram a atividade avaliativa da escolha de obras urbanas para serem compartilhadas entre si para ampliar o repertório cultural e irem identificando características que eles apreciavam em produções artísticas. Isto contribuiu



positivamente para as criações dos cartazes *lambe-lambe*, trabalho proposto aos estudantes para desenvolverem seu processo criativo a partir dos recursos que lhes dispunham.

REFERENCIAL TEÓRICO

Como mencionado este relato de experiência foi elaborado a partir de uma das atividades teóricas e práticas realizadas no Programa de Bolsas de Iniciação à Docência – Pibid de Artes Visuais na Universidade Federal do Vale do São Francisco em Juazeiro/BA que trata do desenvolvimento de um plano de ensino nos meses de agosto a outubro sobre Arte Urbana para uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio Militar Alfredo Viana (CPM). Com base na Pedagogia Histórico-Crítica/PHC (SAVIANI, 2011) e na Psicologia Histórico Cultural (VIGOTSKI, 2009) e Ferreira (2011) elaboramos o plano de ensino.

Em relação a PHC elaboramos o plano de ensino considerando os aspectos apontados por Saviani (2011) que tomam como ponto de partida a prática social inicial, a problematização, a instrumentalização, a catarse e a prática final.

Sobre a Psicologia Histórico Cultural (VIGOTSKI, 2009), tomamos o conceito de atividade criadora elaborado por Vigotski para reafirmar a importância da arte no desenvolvimento psicológico humano. Sobre isso, Silva e Zanatta (2019) argumentam que a arte é uma área que proporciona a mediação entre pensamento e sensibilidade, impulsionando o desenvolvimento da personalidade, a capacidade de ampliar percepções e instigar a imaginação.

A Arte Urbana conforme Ferreira (2011) é uma forma de expressão artística da contemporaneidade e que ocorre em espaços urbanos normalmente abertos, podendo em alguns casos ser classificada como transgressora por não se submeter aos limites do público ou privado.

Para a elaboração do plano de ensino, fizemos uma revisão historiográfica do conceito de Arte Contemporânea, pontuando de acordo Aidar (2020), seu surgimento após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que por consequência traria um panorama de novos questionamentos pelos artistas, caracterizado pelo avanço da globalização e cultura de massas, desenvolvimento das novas tecnologias e mídias, bem como a transformação das cidades e o aumento de metrópoles.

A Arte Contemporânea prioriza mais a ideia e o conceito projetados pela obra, do que o próprio objeto artístico. Ao se produzir arte, o foco se torna a reflexão criada por ela. Há também a discussão sobre os espaços de ocupação destas obras, a ampliação para fora das galerias e museus chegando à arte urbana que abrangesse essas expressões desenvolvidas nas ruas, compreendendo as relações construídas pelas pessoas com estes espaços públicos.



Também a veia crítica, a influência de manifestações políticas e sociais dando voz à periferia e aos grupos minoritários.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É importante contextualizar aos alunos, como as transformações artísticas são constantes e os aspectos histórico e dialético do conhecimento são pontos defendidos pela PHC. Parafraçando a cantora Nina Simone, “Você não pode evitar. O dever de um artista, no que me diz respeito, é refletir os tempos”.

No Brasil a história da Arte Urbana se inicia com as pichações nos anos 1960 contra a Ditadura Militar. Eram mensagens pintadas sobre muros e fachadas de prédios públicos ou privados que proclamava frases contra a censura, a tortura e o imperialismo norte americano. Daí se construiu a visão de que eram atos de vandalismo e deveriam ser combatidos, devido o enfraquecimento da Ditadura Militar nos anos 1980, as manifestações artísticas e culturais vão se desligando das manifestações políticas e passam a ter uma natureza mais poética e lúdica. Assim acontece com as inscrições urbanas, onde se tornam cada vez mais crescentes, tanto quanto a população dos centros urbanos vinha se expandindo.

Esse contraste era percebido em aula quando se comparava por exemplo o trabalho do grupo 3nós3, que realizou a intervenção Ensacamento (1979), onde foram encapuzados monumentos do centro da cidade de São Paulo durante a Ditadura Militar. E depois analisar a poética da grafiteira Mag Magrela, que cria em seus murais, figuras femininas melancólicas com o tronco ou a cabeça curvados, que transmitem a sensação de desconforto de viver em uma cidade grande e opressora, especialmente para mulheres, espelho de sua relação com a capital paulistana.

Devido a popularização do *lambe-lambe* que se deve a fatores como a facilidade do acesso a xerox e impressões e cada um aumento ao acesso a ferramentas digitais para criação de imagens, colagens e ilustrações, usamos isso ao nosso favor para realização de umas das atividades avaliativas. Na primeira tarefa os alunos realizaram a escolha de obras de arte urbana para serem compartilhadas em aula, em que eles precisavam pontuar características da estética do artista. Depois lhes foi passado o trabalho da criação de cartazes lambe-lambe, para que pudessem expressar suas ideias e utilizarem os recursos disponíveis.

Um das maiores dificuldades no ensino híbrido que também se apresentou no remoto emergencial foi manter o interesse dos estudantes com os conteúdos estudados, em razão muitas vezes dos problemas de conexão e do acompanhamento das atividades escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



É inegável a importância do fazer docente em Artes Visuais para preservação da memória cultural e aprendizagem dos conteúdos, principalmente de um campo diverso como a arte com sua variedade de artistas e processos criativos reforçando a importância do ensino de Arte nas escolas.

Foi gratificante produzir e realizar esta experiência pedagógica com os estudantes do 9º ano em que me preocupei em lhes oferecer a devida base teórica, com as revisões historiográficas, a devida apresentação dos artistas com seu breve análise de algumas de suas obras, bem como o apontamento de fatos e questionamentos necessários ao conteúdo. Busquei utilizar diversos recursos, a exemplo de produções audiovisuais existentes dos próprios artistas a serem exibidos em aula para tornar mais próximo a experiência aluno/público com artista/criador. Outro bom exemplo foi a utilização do *tour* virtual pelo site da Pinacoteca que exibia as produções dos grafiteiros Os Gêmeos, em que os alunos gostaram desta sensação de vislumbrar um pouco o que seria frequentar espaços como este presencialmente uma vez que essa prática não é recorrente em suas famílias.

A experiência pedagógica foi construída para que o conteúdo chegasse de forma contextualizada aos estudantes, considerando seu repertório cultural e artístico e ampliando suas referências estéticas incentivando-os a frequentar espaços de produções artísticas quando possível. Além de promover o desenvolvimento de um olhar sensível para detectar e apreciar intervenções artísticas, bem como estimular momentos de criação artísticas para exprimirem suas ideias e sentimentos de forma poética.

REFERÊNCIAS

DA SILVA, Ana Rita; ZANATTA, Beatriz Aparecida. Teoria histórico-cultural e suas contribuições para o ensino de artes visuais. Goiânia, Goiás: Revista Eletrônica de Educação, v. 14, 1 - 13, 2019. Disponível em: [Teoria histórico-cultural e suas contribuições para o ensino de artes visuais | Artigo](#). Acesso em: 23 de março de 2021.

FERREIRA, Maria Alice. Arte Urbana no Brasil: expressões da diversidade contemporânea. UFRGS – VIII Encontro Nacional de História da Mídia Unicentro Guarapuava - PR, 2011. Disponível em: [Arte Urbana no Brasil: expressões da diversidade contemporânea — Página Inicial](#) Acesso em: 20 de Julho de 2021.

SAVIANI, Durval. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 11ª ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. Imaginação e criação na infância. Tradução: Zoia Prestes e Elizabeth Tunes 1ª. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.